

RESENHA



**CHAUCER, Geoffrey. *Os contos de Canterbury*.
Tradução, apresentação e notas de Paulo Vizioli.
Posfácio e notas adicionais de José Roberto O’Shea.
São Paulo: Editora 34, 2014. Edição bilíngue.**

Maria Rita Drumond Viana

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
m.rita.viana@ufsc.br

Recebido em 1 de julho de 2015

Aprovado em 26 de agosto de 2015

Mesmo ao professor de literaturas anglófonas apresenta-se como uma grande aflição a questão da escolha de um texto de *The Canterbury Tales* para a inclusão de Geoffrey Chaucer nas discussões da tradição poética inglesa: não fosse suficiente o fato de estarem escritos em uma linguagem tão remota da atual a ponto de merecer a denominação de “inglês médio” (em oposição ao “inglês moderno”, a que até mesmo Shakespeare já pertence), os contos sequer foram todos efetivamente finalizados e organizados no volume que conhecemos – sabe-se que seu autor veio a falecer em 1400, antes de terminar a obra, deixando-a incompleta, repleta de inconsistências e sem uma versão final de fato “autorizada”.

As diversas narrativas curtas, em sua grande maioria escritas originalmente em verso (os “contos” do título), costuram-se, à maneira de precedentes literários tão distantes quanto *As mil e uma noites*

ou tão próximos quanto o *Confessio amantis*, escrito pelo amigo e contemporâneo de Chaucer, John Gower, ao relato da jornada que põe em contato os diversos narradores-personagens: a peregrinação à cidade de Cantuária (Canterbury), feita em honra a São Thomas Becket. Diferentemente do *Decamerão*, de Boccaccio, a que os *Contos* são frequentemente comparados (ainda que não haja provas de que Chaucer o tenha lido), e a despeito das tentativas do Albergueiro de controlar o fluxo e a linguagem dos contadores de história, tem-se no texto do autor inglês uma grande multiplicidade de vozes e de pontos de vista, perpassando as diversas camadas da estrutura social da Idade Média. Além da distração no trajeto, a quem apresentar o melhor conto (do total de dois na ida, dois na volta, para cada peregrino) o Albergueiro d'O Tabardo promete ofertar uma bela ceia quando do retorno a Southwark – assim garantindo que mesmo os membros do grupo menos interessados nas altas literaturas se pronunciassem.

A existência de múltiplos manuscritos, alguns mais completos e outros totalmente fragmentários, por vezes produzidos a partir de cópias hoje perdidas, cria problemas de datação e de fixação textual, influenciando, mais notadamente, a questão da ordenação dos grupos de contos. Edições acadêmicas como o *Riverside Chaucer*, resultado do esforço monumental do editor-geral Larry D. Benson, por vezes apresentam variantes quando há divergências de maior importância entre os principais manuscritos. Contudo, trata-se de um calhamaço que não deixa de intimidar mesmo os mais dedicados entusiastas do autor, uma vez que inclui quase toda a sua obra conhecida e mesmo textos de autoria contestável.

A opção por uma versão modernizada dos contos frequentemente aparece como solução para os bancos escolares e para o leitor cuja proficiência em inglês é suficiente para a fruição do texto literário em um idioma mais próximo daquele em que foi originalmente escrito. Fica a dúvida, no entanto: são o mesmo idioma, de fato, o inglês médio e o inglês que temos atualmente e com que tal leitor estaria potencialmente mais acostumado? Para Paulo Vizioli, responsável pela tradução de 1988, reeditada pela Editora 34 em 2014, a resposta é não. Em sua apresentação, Vizioli alterna entre os vocábulos “versão”, “adaptação” e mesmo “tradução” para designar os trabalhos de modernização dos textos de Chaucer para o inglês contemporâneo em que poderia ter baseado sua tradução para o português, rejeitando-os todos e optando por seguir o

texto em inglês médio, como apresentado nos volumes de Walter Skeat e F. N. Robinson.

Resta, por fim, a questão da forma, relevante para a “tradução” tanto para o inglês contemporâneo quanto para o português: em verso ou em prosa. O grande conhecimento de Vizioli a respeito da história literária ocidental informa a opção por uma forma mista, essencialmente em prosa na maior parte dos contos e prólogos (reconhecendo inclusive que associamos hoje o próprio termo “conto” à narrativa ficcional em prosa), porventura em algo que chama de “prosa poética” e, mais raramente, em formas poéticas de versificação bastante complexas, seja traduções originais suas, seja reproduções de textos já traduzidos, como no caso dos versos da oração de São Bernardo, extraída do *Paraíso*, de Dante (p. 679).

Isso nos traz àquela que é certamente a maior riqueza da nova edição de *Os contos de Canterbury*, publicada pela 34: as notas. A tradução original contida na edição da T. A. Queiroz, de 1988, reimpressa no mesmo formato em 1991, somam-se mais de 200 notas adicionais, lindíssimas xilogravuras da edição de 1483, de William Caxton (um pioneiro da impressão, considerado o Gutenberg inglês), e, obviamente, o texto original —trata-se, afinal de contas, de uma edição bilíngue. O paratexto inclui também, além da apresentação original de Vizioli, o posfácio do responsável pelas notas adicionais, ele também tradutor de imenso prestígio acadêmico, José Roberto O’Shea.

Identificável sob as rubricas de “Notas do Tradutor” e “Notas da Edição” para as de Vizioli e de O’Shea, respectivamente, o conjunto dessas notas aparece no rodapé do texto em português: uma opção de apresentação bastante acertada, dada a imensa estranheza que causa a sociedade medieval representada nos contos, o que torna a tradução, como bem coloca Vizioli em sua apresentação, uma viagem tanto no espaço (mais usual para nós, tradutores de língua estrangeira para o português e vice-versa) quanto no tempo. O trabalho espelhado dos dois acadêmicos, abrindo e fechando o livro com apresentação e posfácio, e salpicando a tradução com notas de rodapé, mantém um diálogo constante com o texto de partida.

É certo que algumas das notas figuram mais como notas explicativas, especialmente no que diz respeito às alusões clássicas e a figuras mitológicas, como no caso das notas da edição (possivelmente consideradas mais distantes da realidade do leitor brasileiro hoje), ou a

identificação das denominações atuais de cidades e países mencionados. No entanto, pelo jogo de referências cruzadas, as notas também cumprem a importante função de comentário e crítica ao texto, apontando para a tessitura da tradição literária inglesa. Como exemplo, temos a nota 80 ao “Conto do magistrado”, em que o tradutor aponta não somente para o passado, ressaltando a temática do conto como uma crítica de Chaucer ao já mencionado John Gower, como também para o futuro, indicando a influência da obra de Gower em Shakespeare (p. 215).

Mencionei brevemente as xilogravuras que ilustram a edição da 34 e sua proveniência. É realmente um triunfo a inclusão da representação gráfica dos romeiros junto a seus contos. Embora as gravuras estejam devidamente creditadas como pertencentes à segunda edição dos Contos por Caxton, falta à edição atual somente um reconhecimento dos outros mais de 80 manuscritos e versões impressas de Chaucer que sobreviveram até os dias de hoje. Em seu trabalho seminal, Caxton cria xilografias originais, como aquela que ilustra a elegante capa do livro, mas também produz outras inspiradas em ilustrações originalmente feitas por escribas em manuscritos iluminados, dentre os quais o de Ellesmere é possivelmente o mais rico em termos de cores e uso de folhas de ouro em suas páginas.

Também surge da falta de reconhecimento desses materiais uma das poucas conclusões equivocadas das notas da edição: em referência ao Prólogo, ressalta-se, corretamente, que, ao usarem maiúsculas na grafia das ocupações dos romeiros, “as edições modernas criam uma espécie de impressão de nome próprio, mas os manuscritos originais não fazem semelhante registro” (p. 37). Embora não haja uso de maiúscula nos manuscritos ou nas impressões medievais (as impressões antigas como as de Caxton são, para todos os efeitos, consideradas também como manuscritos), isso se dá mais por questões tipográficas que de ênfase. Na verdade, em muitos dos manuscritos, é possível ver um tipo de marcação ainda mais saliente que o uso moderno de maiúscula: a repetição do uso da ocupação do personagem por meio da inclusão de seu “nome” à margem do texto. Tal prática de intervenção junto ao texto, uma forma mais superficial de glosa, seria ela mesma comparável às notas?

Pois o espaço reservado às notas certamente influi na leitura, seja do original, seja da tradução. Publicada em 2013 pela Penguin, um ano antes de *Os contos de Canterbury* aqui resenhado, a edição de *Contos da Cantuária* traduzida por José Francisco Botelho segue o modelo das

edições daquela editora ao apresentar as notas somente ao final do livro. Diferentemente da edição bilingue, a tradução de Botelho dá-se sempre em versos, com exceções do original. São, no entanto, edições bastante diferentes, e a proximidade temporal das publicações parece indicar mais que qualquer outra coisa a tempestividade da obra de Chaucer e sua permanência no cânone ocidental – algo que preocupa ambas as edições, que ou citam ou traduzem textos do crítico americano Harold Bloom como parte do paratexto.

Resta-me voltar à questão espinhosa que me coloco no início desta resenha: qual texto de Chaucer recomendar à leitura dos meus alunos? Entre as edições recentes, a da Penguin, por ser monolíngue, estaria em competição com outros pesos-pesados, como a tradução portuguesa de Clarisse Tavares (Europa América, 1992), enquanto *Os contos de Canterbury* ocupam a posição única de aparecerem em formato bilingue, extensamente anotados e com as belíssimas xilogravuras da edição de Caxton – elementos que em muito podem enriquecer a leitura na sala de aula.

Referências

BENSON, Larry D.; PRATT, Robert; ROBINSON, F. N. (Ed.). *The Riverside Chaucer*. Boston: Houghton Mifflin, 1987.

CHAUCER, Geoffrey. *Contos da Cantuária*. Tradução de José Botelho. São Paulo: Penguin, 2013.

CHAUCER, Geoffrey. *Contos de Cantuária*. Tradução de Clarisse Tavares. Mem Martins: Europa-América, 1992.

ROBINSON, F. N. (Org.). *The Works of Geoffrey Chaucer*. London: Oxford University Press, 1957.

SKEAT, Walter William (Org.). *Geoffrey Chaucer: The Canterbury Tales*. London: Oxford University Press, 1950.